

REDACTOR - EDITOR
Freira da Silva
Administração,
composição e impressão:
de Alportel, 23 27
DIÁRIO INDEPENDENTE
AVULSO 20 EXAVOS

O ALGARVE

Para retratos de arte
preçam sempre a
Fotografia Brasil
R. da Escola Politecnica,
LISBOA

Junta Geral de farçada!

reniu ainda desta vez
Junta Geral. Não sabemos os
supomos-os e pare-
eles em nada honram
o corpo administrativo.
do ha limites e ha fe-
nguem os pode conter
politica porque exce-
que a essa grande
ora se tolera.
hoje á estacada verberar
que a Junta Geral do
Faro está dando o
ndemos, como sempre,
oro e a honra de uma
ricas, laboriosas e hon-
vovincias deste heroico
Temos especial autori-
scutivel para tratar do
que não temos ligações
de corrilhos! Temos ape-
rada e altissima politica
E temos o enraizado
de uberrimo torção al-
entro daquele alto cor-
rativo ha amigos nos-
pessoas, o que mais
no-sa magua em ter-
ntar — *Basta de farça-*

na não souberem por o
Algarve acima das for-
da politiquice vergo-
lo peior para eles,
na não quizerem pupar
provincia inteira, uma
que a afronta, não os
os a eles. Teremos de
como como aos outros
ndem fazer da junta a
suaes quasi-nuculas re-
nas mistificações mon-
am vergonha, quem tem
que reaja, que deixe
nucela e que deixe de ser
que deixe de ser rodi-
a ver quem não homoeas
te que põem a honra da
acima das pugnas mes-
indecorasas que estão
ando a Junta.
ena de lhes publicar-
omeas, nós não recuare-
mostrar quem são os que
risam com o que ali se
ando.
amos apenas, pela pro-
uão, apesar de já termos
notas muito interessan-
aditivas.

A variola

é revacinação

specção Sanitaria do Tra-
gu uma circular aos in-
comerciantes do paiz.
a sua stenção para a
de variola, que tende a
entra, a qual reco-men-
ação e revacinação de
sual ao seu serviço.
ano de trinta dias deve ser
inspecção uma relação
racinado.
o de tal determinação não
ada, a inspecção enviara
va participação para jui-

logratos fica prohibida a exi-
de litas contra a moral

ta lei publicada no *Diario*,
ada aos animatografos a
de fins contrarias á moral
estamos. Pela mesma lei
logratos de Lisboa e Porto
nagados a dar duas vezes
uma sessão cinematogra-
tiva de hora e meia, na
admiuidas gratuitamente
das escolas primarias

Monumento a João de Deus

Sob a presidencia do sr. go-
vernador civil, reuniu na passada
quinta feira, a Comi-são do mo-
numento a João de Deus que en-
tre varios assuntos deliberou que
a homenagem a prestar ao sau-
doso poeta seja a elevação dum
busto na Alameda João de Deus,
desta cidade, e que por este mo-
tivo se solicitasse á Camara Mu-
nicipal para que seja dado a este
jardim o nome de «Campo das
Flores» — nome da obra poetica
de João de Deus.

Que com o producto das subs-
crições realisadas, com a oferta
do pedestal feita pela Camara
Municipal e a cedencia do bronze
possivelmente feita pelo Estado,
pode-se considerar um facto a
realização do monun nto.

Que se pedisse ao distinto ar-
quitecto algarvio sr. Norte Junior
para fazer o projecto do monu-
mento.

Que aproveitando a ideia da
construção dum Jardim Escola
João de Deus e o subsidio já ce-
dido pelo Governo para esse fim,
se representasse ao respectivo mi-
nistro, pedindo lhe para que em
logar dessa nova construção es-
coliar que seria irrealizavel, se
transformasse, applicando e me-
lhorando sob o ponto de vista ar-
quitectonico, o edificio das esco-
las primarias, desta cidade, ao
qual seria dado o nome de Esco-
la de Primeira Infancia ou Esco-
las Primarias João de Deus, pre-
stando-se assim, dum maneira
praticamente realisada, homena-
gem ao insigne pedagogo.

Que na impossibilidade de se
prestar uma homenagem condigna
no proximo dia 8 de Março, data
do nascimento do poeta, se re-
servasse essa homenagem para a
ocasião do lançamento da primei-
ra pedra do monumento, com um
festival na Alameda.

Pelo secretario da Comissão,
sr. dr. Justino Bivar Weinholz,
foi feita a oferta do marmore in-
dispensavel para a execução dum
busto do poeta, afim de ser colo-
cado no pateo destas escolas.

Foi deliberado ainda officiar ao
tesoureiro da extinta Comissão,
pedindo-lhe a entrega do dinhei-
ro em seu poder.

Ha 44 anos

DE "O DISTRICTO DE FARO"
De 24 de fevereiro de 1881

Theatro 1.º de Dezembro — Fon-
seca e Fô tem continuado a des-
lustrar-nos com as suas maravi-
lhosas sortes de prostigiação. Que
primor! Que mimo! Que inexce-
dível perfeição!

Descrever cada um dos traba-
lhos de per si e assinar a primazia
á execução, antes de uns que de
outros, seria tarefa impossivel, tal
é a pericia que os dois artistas
desenvolvem, de começo a fim, nos
seus dificeis e delicados trabalhos.

Os d'isbenemeritos artistas de
fatti um espectáculo em beneficio
deste theatro e do asilo de Nossa
Senhora ao Pé da Cruz. Honra
lhes seja. Acções taes enobrecem
sempre quem as pratica.

Alvicaras

Dão-se a quem entregar nesta
redacção uma carta de cor cinzenta
de raça franceza que desapareceu,
na segunda feira gorda á noite, de
uma casa sita na Avenida de Santo
Antonio n.º 4, desta cidade.

CARNAVAL

A pastorinha alegre que ali vai
Pisando as brancas pedras da calçada,
Vive numa casita arruinada
Desde o momento em que perdeu o pai.

Toda carmim! Agora, quando sai
Doudeja e corre, móstra-se estouvada...
E' sempre o mundo a mesma mascarada,
Que tanto se levanta como cai.

Anjo febril, sorri a sua bóca
Brilham nos olhos chamas eloquentes
E desejos indómitos de louca!

A mãe, em casa, tem curtilo fome,
E implora a Deus o bem dos seus ausentes...
E' sempre o Carnaval — com outro nome!

(Do «Galvario Bendito», em preparação)
MARCOS ALGARVE

IDÉIAS E FACTOS

A queda do governo José Domingues dos Santos

Nós temos verberado aqui, nes-
tas colunas, por mais de uma vez,
até, certos erros da Republica, ou,
melhor, certos desmandos dos seus
dirigentes, o que não é a mesma
coisa. Jamais, ao faz-lo, nos pre-
ocupámos em bandeiras partidarias
com as diferentes nuancas politicas
que maizam o campo republica-
no. A nossa critica, cen-urando ou
elogiando, jáma s obedeceu, dessa
maneira, ao mais insignificante in-
teresse de ordem material e, não
poucas vezes, as nossas censuras
teem alvejado arenas politicas on-
de brilham e pontificam amidades
nossas, de velha data, até. Assim
tem sido, assim será sempre, a
despeito de tudo...

Entretanto, e biola de que nos
servimos para medir os actos pu-
blicos dos homens, no que esses
actos possam interessar a colecti-
vidade, não tem nada de especial.
Não é a biola dum cecico, dum
desiludido-social, dum vencido,
enfim.

O que ha, sim, a firmar a nos-
sa maneira de v.r. a nortear a
nossa critica, é uma razoavel ex-
periencia dos homens e das coisas,
experiencia não de ordem lyresca,
adquirida por entre provocados
desmoronamentos de cidades bi-
bliotecas, mas, sim, no extenso e
profundo contacto com a materia
actuante, olhados nestas, os seus
alevantados e mesquinhos odios,
as suas ambções e desinteresses,
os seus arranços de coragem e co-
bardia, os seus momentos de aleg-
ria e de tristesa, os seus lapsos
de acuidade e de indiferencia...

Ai, dos lunticos, e dos que tei-
mam em adorar o passado!...
Esses, sim, serão os vencidos,
como vencidos serão, tambem, todos
aqueles que pretendam contrapôr
á marcha irresistivel do Progres-
so social, justo e justiciero, o ar-
tificialismo dum mundo economi-
co que pretende defender-se com
a principal razão que o condena á
luz da mais desapazontada filoso-
fia socia — o seu arcaismo.

Nós não vêmós a razão porque
possam bater palmas aqueles que
desejaram e provocaram a queda
do gabinete José Domingues dos
Santos. E, no entanto, são milha-
res aqueles que para sñi vão slar-
deando o seu jubilo, agitando-o
como trofeu glorioso de incontes-
tada victoria.

Quem são esses? Monarquicos?
Certamente. Republicanos? Tam-
bem... mas republicanos a seu
modo, republicanos, segundo o
seu partido, segundo os seus che-
fes! republicanos, segundo as suas
anccntralidades politico-monarqui-
cas/ republicanos, segundo os
seus interesses pessoais, segundo

as suas inconscientes ambções
politicas, segundo as suas tacanhas
mentalidades. Estes sim, são os
republicanos que batem palmas,
aqueles republicanos que, todos
juntos valem menos que um so
dos monarchicos, porque a estes
temos de reconhecer o merito de
que o seu pregão politico, por re-
trojado que seia por noivo que
baja sido, é, em plena Republica,
uma afirmação de caracter que
muitos daqueles não possuam
em circumstancias identicas.

O que moveu a queda do gabi-
nete José Domingues dos Santos,
foi, assim, triste é diz-lo, a
falta de ambiente republ cano, não
na massa popular, onde ele existe
de facto, de *verdad*, mas no seio
dos varios grupos e grupelhos que
para ali existem com o nome de
partidos, e, naquela caverna de
S. Bento, onde se sentam auten-
ticas e rutilantes nulidades em
materia politico-social, de incon-
testavel valor, todavia, na elabo-
ração de largos e profundos sis-
temas de governação... pessoal.

No dizer destes conspicuos e da-
dãos, que a benevolencia popular
e os cozinhados ministeraes leva-
ram a S. Bento, as frases profe-
ridas pelo sr. José Domingues
dos Santos — estar ao lado dos
exploradores contra os exploradores
e entender que a G. N. R. não
tinha sido creada para maltratar o
povo — puzeram em cheque o pres-
tigio do Exercicio, do Parlamento,
da Republica! Como se não tives-
se a do esse povo, ao lado de quem
o sr. José Domingues dos Santos
d'sse estar, quem tornou possivel
a existencia duma Guarda Nacio-
nal Republicana, dum exercito re-
publicano, dum Parlamento repu-
blicano, senão nas convicções, mas
ao menos nas subvenções!

E lembrarmos-nos nós, de que
em 4 e 5 de Outubro de 1910 não
havia maneira de vislumbrar o
prestigio, pessoal, ao menos, des-
tes Caides de hoje?!

O que acaba de suceder ao sr.
José Domingues dos Santos, tñha
fatalmente que asontecer a quem
nas cadeiras do poder honrada-
mente affirmasse o que outrora se
disse e redisse nas tribunas dos
comicios. Foi ele o primeiro, e
honra lhe seja feita, porque as
frases que movaram a sua queda
— nunca se subu mais alto,
caindo — vieram dar nos a certeza
de que no sampo republicano ha
alguem que, sem as graves res-
ponsabilidades de muitos outros,
noutros temp s contrahidas, tem
o desassombro de, nas cadeiras
do governo, nas bancadas gover-
namentaes, afirmar o Direito da

Carta roubada nos correios

Em nove de janeiro deste ano,
foi roubada no correio desta cidade
uma carta contendo 1.020 francos
e varios documentos importantes,
que a filial nesta cidade da casa
Tota enviara para a sua sede em
Lisboa.

Como nas diligencia a que o
guarda civico n.º 5, Antonio Gomes
dos Santos procedeu recabissem
suspeitas sobre o distribuidor tele-
grafico-postal Francisco de Paula Ba-
tista Junior, ha pouco transferido de
Evora para esta cidade, foi este
preso, negando a principio o crime
de que o accusavam, mas acabou por
confessar ter vendido em Ayament
os francos e queimado os documen-
tos que nada o interessavam.

Quando Baptista transitou da
esquadra de policia para a cadeia,
tentou evadir-se mas foi logo recap-
turado.

queles que, desde longuos tem-
pos, do feudalismo até nossos dias
teem servido de escada a todos
os aventureiros e de *batuda* a to-
dos os saltadores do vasto circo
politico.

Nós não conhecemos o sr. José
Domingues dos Santos. Jamais,
que o saibamos, passámos a seu
lado. Temos lido, ouvido pronun-
ciar, dezenas, centenas de vezes o
seu nome. Seguimos, par e passo,
dia a dia, a sua estada no poder.
De todas as suas medidas gover-
namentaes, só discordamos do
modus faciendi de uma ou outra.
Mas, mesmo que assim não fosse
e que, por consequente, por com-
plet o desconhecemos, mot vo
não haveria para que aqui não
deixassemos vincada a nossa con-
cordancia com a sua actitude no
governo, a qual a despeito dos
bramidos das chamadas forças
vivas e *adjaociaes*, foi, a catorze
anos de Republica, o gesto moral-
mente mais belo e socialmente
mais grandioso que dos seus di-
rigentes tem sah do.

Não faltará, estamos certos,
quem nos acuse de exagerado, pre-
tendendo para a sua *egrejinha*,
para os santos da sua devoção,
uma maior gloria politica, e ache
comodo, necessario, mesmo, zom-
bar das nossas afirmações. E' natu-
ral que assim seja, tão completa
é a gana de interesses que para
ahi vão e tão diversos os modos
de ver... e de não ver.

Que uns e outros não esque-
cam: a queda do gabinete José
Domingues dos Santos não foi um
episodio vulgar na vida da Repu-
blica. Aqueles que desejaram que
provocaram a sua queda, hão de
um dia sentir as consequências da
sua obra, consciente ou incons-
cientemente feita. Por revindita
pessoal dos que ontem cahiram?
Nada disso. Pela marcha natural
do mundo, que muitos não que-
rem perceber ou a que, baldada-
mente pretendem opôr-se. Essa
lhes dirá um dia quanta razão
existe naquele proverbio francez:
erirá bien qui rira le dernier. E
nenhuma outra justiça conhece-
mos, mais implacavel, mais podo-
rosa do que essa, cujo objectivo
é a correção das sociedades, pe-
la instauração de mais rasgados
sistemas politicos.

Lisboa, Apto D'OLIVEIRA

ERRATA — Não temos por costume
corrigir *gralhas*, natural como é que elas
apareçam e por elle deem os bons caça-
dores. Algumas ha, porem que, pelas
suas elevadas proporções merecem men-
ção especial. Estão nesse caso, no ante-
rior artigo, as seguintes: 2.º paragrafo,
3.º linha, *feita* por *posta*; 4.º penultima
linha, *colado* por *cabedal*; 6.º, 12.ª linha
proteito por *pretexto*; 9.º, 8.ª linha, *em-
bate*, por *combate*; 12.º, 6.ª linha, *des-
cem-lhe*, por *deram-lhe*; antepenultimo
paragrafo, 3.ª linha, *na*, por *pela*. Etc.,
etc., etc., embora de menos importancia.

A filarmónica de Loulé

Foi levantado o interdito á filar-
monica *Apollitas de Minerva*, de
Loulé, depois das satisfações da-
das ao sr. Prelado e patões da
freguesia.

Sobre a greve

Uma carta

Sr. Director de O Algarve
e meu presado amigo:

Verberou V., com razão, no
seu jornal, o ultimo movimento
grevista dos fragateiros de Faro e
com uma isenção rara e para lou-
var poz-se ao lado dos que teem
que perder, defendendo doutrina
conservadora, contra as preten-
ções bolchevistas dos fragateiros.
Sgo de ha uma boa duzia de
anos a marcha doutrinarria do seu
jornal e nunca v. que outro fosse
o seu triho, apesar dos inumeros
perigos da epoca e das oscilações
interesseras que as ideias e as
opinões costumam tomar, con-
soante os ventos do poder, o que
para mim impõe o seu *Algarve*
como um jornal digno de toda a
admiração.

A restante imprensa de Faro, ou
desconhecedora dos acontecimen-
tos, ou por falta de coragem para
defender doutrina antiquada, re-
colheu-se a um comodo silencio.
Honra lhe seja e que lhe agrade-
çam os meus numerosos correiti-
gonarios conservadores.

Disse V. que o fundamento da
greve não era uma questão de sa-
lario mas sim a defeza de um
legitimo direito de propriedade,
consignado em todas as leis dos
paizes civilizados. E assim foi,
de facto, essa a razão da intransi-
gencia dos carregadores e acio-
nistas da Companhia Maritima do
Algarve, materia aliás proficuen-
temente debatida e com energia
defendida por S. Ex.ª o sr. go-
vernador civil. Kumorejava-se que
todos os proprietarios de barcos
estavam de acordo sobre a defeza
desse direito, incluindo os dois
vultos a que a sua local se refere,
e isso serviu para crear uma atmos-
fera de concisação para com as
inoentes victimas, sobre quem os
carregadores descarregavam os
seus odios. Foi chamado a presen-
ça do sr. governador civil um des-
ses *vultos* e todo a gente com pas-
mo viu que essa concordancia de
vistas não era mais do que uma
espectulação, pois que toi afirmada
ali a sua concordancia com os
grevistas, com a declaração catego-
rica de que o seu grupo não
fazia questão de principio que tra-
duzia esse direito de propriedade.

Mas, sr. director, esta carta não
é ainda a historia da greve que
penso desenvolver num relatório,
onde terei occasião de fazer acusa-
ções a quem directa ou indirecta-
mente serviu os interesses bolche-
vistas e com eles se mancomunou,
assim como não deixarei de pre-
star homenagem a quem no campo
contrario se collocou, com o pres-
tigio da sua autoridade, relatório
que provavelmente servirá de defe-
za no processo que promete le-
var os exportadores a Penitencia-
ria, se o mano doutor se não
apedrar, compadecido dos reus
infelizes.

Entretanto, sr. director, espero
da sua lealdade me reserve um
canto do seu jornal para explicar
o incidente da greve, que serviu
de optimo ensejo para definir cer-
tas attitudes dos Iscariotes, já ago-
ra arrependidos no rol dos
exploradores e explorados.

Sou de V. Amigo certo
Francisco Guerreiro Barros

Futuristas

Anda acesa entre escritores da
especialidade uma pugna homeri-
ca sobre teatro novo e teatro ve-
lho. Os novos não se limitam já
a reformar as peças e o scenario,
substituindo-os pelo sistema, pelos
scenarios japonez. Não se limitam
tambem a arranjr actores e escri-
tas, ensaiadores e figurantes, sceno-
grafos e costureiros para as suas
ousadas concepções, ate já arran-
jaram architectos que deixam a
gente estarrecidos.

Ainda ha pouco o *Diario de
Noticias* nos dava umas amostras
dessa nova architectura.
Parece um armazem de alfár-
folhas...
Que desolação!

A nova barra de Tavira

As armações da costa de Tavira têm sido especialmente tributa das para as obras daquelle porto com quantias respeitáveis, ajuntando assim lenha para se queimarem.

A situação da barra de Tavira é unica de todas as barras do Algarve. Abrigada dos ventos de leste é tambem abrigada de todos os quadrantes até sudoeste, pois mesmo este vento corre ao longo da praia n'aquelle sitio. Mesmo do sul tem uma exposição favoravel, pois, muito curta, logo que se entra, abriga pela lingua de areia que corre por fóra. E' esta situação excepcional que deseja perder, abrindo uma barra desamparada e em direcção perpendicular á costa.

A barra está marcada entre 700 e 800 metros a oeste do arraial da armação de atum de Tavira ou «Medo das Cascas» e ao passo que na antiga barra a influencia do mau tempo não se pode fazer sentir dentro do rio pela disposição natural que tem, a nova barra fica, como a dos Gafanhotos na costa de Faro, onde se naufraga dentro do rio a kilometros de distancia!

Os trabalhos do porto de Huelva devem servir do exemplo a tudo quanto se faça em abertura de barras no Algarve, e a barra de Huelva dista da cidade 25 kilometros, assim como a de Faro dista 20, ficando a de Tavira a 15, ou menos.

E' a costa de Tavira especialmente dotada quanto ás armações de atum, são as melhores do Algarve. Pois sabendo-se como ainda se sabe, que o atum não entra nas aguas por pouco turvas que sejam, provindo o fundo do rio de uma bacia hidrografica toda ella de terras muito argilosas, e ficando a nova barra dirigida directamente ao quadro de uma das melhores armações de costa, vai ocasionar a perda completa desse grande valor que chega, como este ano chegou, a 1.500 contos de produto bruto que quasi todo elle fica na provincia, excepto as encomendas ao estrangeiro, que quasi todo elle fica em Tavira, e que dá centos de contos para as obras do porto! Não pode ser!

Qual é a differença calculada a favor de uma barra nova em valores, sobre os factos trabalhos do profundamente da barra actual? Já como situação especial da antiga barra, podemos afirmar que será negativa, mas positiva que fosse, o que é que pode compensar a perda completa de uma armação? O rendimento total do porto d'aqui a muitos anos? Não! A differença entre a barra actual e o novo trabalho? Ainda menos. O que o Algarve precisa em todos os melhoramentos que faça é assegurar os rendimentos existentes e que os rendimentos das obras levadas a efeito se somem.

Trabalhar para peorar, de modo nenhum! E que destino têm importantes marinhãs de sal e vedações de terrenos que vão ficar expostos ás vagas do Oceano? Com o andamento das barras para leste, dentro em pouco o arraial do «Medo das Cascas» seria invadido pela barra e destruidos tantos valores que ali já estão acumulados. Mas o principal inconveniente, aquelle que deve dar que pensar a quem se meta n'uma obra destas é o afastamento do atum com as aguas toldadas do rio pela vasante, duas vezes repetida em cada dia e ainda mais pelos trabalhos de dragagem que em geral são feitos no verão, justamente quando se pesca o atum. Para toldar um metro cubico de agua bastam algumas grammas dissolvidas das lamas argilosas que constituem o fundo do rio de Tavira. Hoje não ha nenhum tecnico que possa afirmar que a barra aberta aqui, além ou acolá, na área das armações não lhes causa grave prejuizo, nem até onde elle se estenderá. Pode ser perda total.

Desde que uma das armações da costa de Tavira deixe de dar o que dá e se reduza a metade, ou a um terço, é como se o prejuizo fosse total por que é abandonada, como têm sido abandonadas 12 ou 13 que mesmo sem lucros importantes para os proprietarios dos locais, distribuiam um grande bem estar ás populações que nelas eram empregadas. Calcule-se o que seria Tavira sem as armações!

da com lhas, das janelas e toda a linda ornamentação e-telur se casam e combinam num forte harmonia que seduz os olhos e encanta o espirito. As linhas balaustradas dos vastos terrassos lateraes accessiveis por largas escadarias em angulo são á casa uma rara distincção patricia. A obra de escultura encontrou uma pleiade de artistas que sob a direcção de um mestre cioso da sua arte preciosa soube dar aos desenhos do mestre Norte, toda a graça, leveza e perfeição.

Com effeito, as figuras queridas de Norte Junior, as grinaldas de rosas e de flores que o distinguem á legua, todos os seus belos motivos ornamentaes, encontram interpretes pacientes e perfectos, que lhe deram um acabamento distincto.

Quando nas vastas plataformas se reuniam o palacete, os jardins irraciados e em execução, estenderam a policromia dos seus cantos floridos em recortes a Le Notre, a soberba moradia terá um exterior fidalgo de rara distincção artistica. O hall de entrada e a imponente escadaria de acesso aos andares superiores são o complemento supremo da magnificencia architectural de toda a construção. Nestas duas peças esplendidas pela concepção e pela execução, tem Norte Junior, certamente, uma das obras mais grandiosas do seu meandros vel talento, e que faz honra, como oratorio, aos magnificos e nobres que os monumentos de precioso desenho, em mármore bicolor de uma execução correctissima, toda algarvia, mas

suas pedras e no trabalho dos seus ornamentos, será, por certo, quando o hall estiver completo uma das suas mais belas peças. Ao fundo seis colunas monumentaes interiores, em mármore de uma só peça, ostentam no alto os seus capitels com delicadissimas grinaldas de rosas, tão leve como se fossem arrancadas das roseiras, em linha de frente tres de cada lado, deixando ao meio um largo espaço para acesso á grandiosa escadaria que conduz ao andar superior. Esta escadaria é uma verdadeira joia architectural com a sua vasta cupula lominosa, onde os belos estuques do mestre Cavalho, tocados aqui e além de manchas de ouro velho, ostentam os primores de uma arte perfeita nos detalhes da sua execução e na beleza do seu conjunto.

Duas magnificas balaustradas de desenho lindissimo e de primoroso recorte, sobrepuzadas por um largo corrimão reluzente, sobem docemente até ao grande patamar, encurvando-se em linhas graciosas para acompanhar os dois ramos em que a bela escadaria se desenrola até ascender ao primeiro andar.

Atravez das linhas entrecruzadas das vigas negas dos andares, podemos lobrigar nas paredes da cupula, tres lindos medalhões, onde o firme pincel de Benvido Ceia, pitou tres lindas figuras graciosas com uns tons de classicismo delicioso, realçado por grinaldas de ouro velho. Nessas composições e nos leves toques que Benvido tem dad nos estuques da cupula, revela mais uma vez o seu aplaudido talento de ar-

A Associação Comercial e o Grande Hotel

A Associação Comercial, entendendo que lhe cumpria tentar que o Grande Hotel e a vespasas de fechar e liquidar po completo, não devia desapparecer, dirigiu convites aos seus associados, á imprensa e a varias entidades para uma reunião em que o assunto fosse tratado.

Essa reunião realçou-se na quinta feira, pelas 21 horas na sede daquela colectividade. Presidiu a sessão o sr. dr. José Mattos, secretariado pelos srs. drs. Silvestre Ortigão e Justino Bivar. Exposos pelo presidente da Direcção sr. Francisco Guerreiro Barros, os fins da reunião e esboçada a assembleia sobre o estado actual do Grande Hotel, pelo sr. Anbal Alexandre, foi nomeada uma comissão composta dos srs. drs. Miguel Ortigão, Philippe Balaio, Silvestre Ortigão, Justino Bivar e Ferreira Neto e Francisco Guerreiro Barros, para propor a maneira pratica de efectuar a venda da Associação Comercial, assunto que O Algarve já havia tratado no mesmo sentido ha um ano.

Antes de encerrar a sessão o sr. Pereira de Lemos, congratulando-se com a orientação da direcção da Associação Comercial e fazendo o elogio dos proprietarios do Grande Hotel pelos esforços feitos para que a cidade tivesse um hotel digno porpoz que fossem louvados bem como a direcção da Associação Comercial pela sua benemerita iniciativa.

Noticias varias

O sr. dr. Antonio Albino Gomes Saralva, professor efectivo do liceo desta cidade, foi nomeado reitor do mesmo liceo, devendo ser abnado da competente gratificação desde a data em que entrar em serviço.

Ao official do registo civil de Silves, sr. Afonso Lourenço Dias da Silva, foram concedidos 30 dias de licença.

Formou-se em medicina na Universidade de Coimbra, o sr. Antonio Laranjo Ferreira Monteiro, de Portimão.

Ao professor de educação fisica do liceo desta cidade, sr. João Martins Guimarães foi concedida a melhoria de vencimento de 120\$000 annuos.

Consta que o sr. Teixeira Gomes visitará Portimão em agosto.

Por conveniencia de serviço foi collocado na estação telegrapho-postal de Gerez, a offic. de segunda classe da estação de Faro, sr. D. Maria José Afonso.

Foi nomeado solicitador da camara de Portimão o sr. Henrique de Bivar Vasconcelos.

Ficou ferido numa das mãos, quando experimentava uma pistola, o sr. Antonio Cardoso, de Lagos.

NECROLOGIA

Faleceu hontem á tarde o sr. Joaquim Ernesto Mascarenhas Cordes de Avelar, funcionario aposentado de finanças e proprietario. Deixa a sna fortuna a seu irmão residente em Lisboa.

tista illustre e de decorador consagrado.

E, foi isto o que, no curtos minutos da nossa visita, podemos lobrigar nessa expiendia moradia de que o Algarve inteiro tem de orgulhar-se, porque ella é pela beleza dos seus magnificos marmores arrancadas ás brutas pedras das suas serranias, pelo recorte precioso das suas esculpturas pela soberba harmonia das suas linhas architectonicas um grandioso padrão, em que o talento de um grande artista algarvio se nxa gloriosamente a que o bom gosto e coragem e o superior espirito de outro grande algarvio, suberam dar execução e dar vida.

Que o sr. Fialho nos perdoe a indigricção que ahí fica, movimento incoercivel do velho jornalista affixado por outra profissão mais discreta, que não consegue, porém, reprimir os velhos entusiasmos de quem adorou sempre o que é perleto, o que é grandioso e o que é belo.

Camara Municipal Concurso das aguas

Na quinta feira passada, dia marcado pela Camara Municipal para abertura das propostas de fornecimento de material para a canalisação de aguas, reuniu-se em sessão a comissão executiva com a comparencia dos vogaes sr. dr. Mattos, presidente, Eusebio, Pimenta, Mamede e Louro. Dos concorrentes, que eram apenas quatro só dois estavam representados. Depois de lida a acta e o expediente no qual se encontravam telegramas das fabricas de tubos do Porto, reclamando contra o fornecimento dos mesmos, por causas extrangeiras, dada a crise de trabalho nacional, e ainda cartas de casas fornecedoras declarando que os prazos dados pela camara eram insufficientes, o sr. presidente propoz que o concurso fosse adiado e alargados os prazos, o que foi aprovado.

Club dos Caçadores

A delegação deste club em Faro teve a amabilidade que muito agradecemos, de nos convidar para um torneio de tiro aos pombos que hoje reatiza no Stadium de S. Luz. Haverá tres premios: uma poule de honra, um premio do club e uma taça Diana. Deve ser um festa muito interessante á que, por certo, não faltará publico.

Luciano Freire

Esta n'vamente em Faro este illustre artista e professor. O sr. Freire está pintando os retratos do sr. Juaze Fiano e de sua esposa.

MUNDANISMO

Partidas e chegadas

Retirou para Aldeia Nova de S. Bento, com sua esposa, o sr. dr. João Esquivel.

Com pouca demora esteve nesta cidade o sr. Francisco Alexandre da Piedade, de Albuquerque.

Retirou para Lisboa a distincto artista Benvido Ceia.

Esteve em Faro o sr. conde de Silves.

Com sua esposa, que vai sugerir-se a uma operação, partiu ontem para Lisboa o sr. João Pedro Correia, chefe da estação do caminho de ferro nesta cidade.

Vimos em Faro o sr. Fausto Sant'Ana de Silves.

Regressou de Lisboa a sua casa em Lagos, com sua esposa, o coronel sr. João Veloso Leotte.

Estiveram em Faro os srs. Francisco de Bivar Weinholtz e dr. Frederico Ramos Mendes, de Portimão.

Casamentos

Pelo sr. Cezar Augusto Landeira, contador da comarea de Lagos, foi pedida para seu filho sr. Fabricio Landeira, funcionario superior da companhia de seguros «Mundial», a sr. D. Maria Helena de Albuquerque, filha do sr. Carlos Paes de Albuquerque, sub inspector de finanças.

Doentes

No Hospital da Beira, Africa Oriental, tem estado em tratamento o nosso comprouinciano sr. Manoel Monteiro Mascarenhas.

Continua melhorando em Lisboa, onde ainda se encontra, o sr. dr. Francisco Corde Real, de Portimão.

Tem estado muito doente em Beja, o sr. visconde de Estoy.

Encontra-se melhor o sr. Augusto de Jesus Maria, funcionario dos correios e telegraphos desta cidade.

«REVISTA DO ALGARVE»

Recebemos o primeiro numero desta esplendida publicação, que por iniciativa e sob a direcção do distincto homem de letra sr. dr. Pereira Faisca, bem conhecido já pelo pseudonimo do Antonio de Monsanto, se começou a publicar em Lisboa.

Officia de assunto do Algarve, escrita por algarvios, a esplendida publicação é um belo documento literario, que faz honra á nossa linda provincia e merece a ternura bem carinhosa de todos os que amam a nossa terra.

Osalia que todos comprehendam o que é o que vale a magnifica publicação e lhe deem a sua solidaria de em aplauso e em assiduidade.

AO PUBLICO

Com uma insistencia que enfada, certas creaturas teem assumido responsabilidades que só pertencem a quem m'as atribui. A colligação dos barqueiros teve logar porque lhes foram os proventos, e se elles ainda se absteem de tripular os barcos da Companhia Maritima, é porque assim o julgam de seu interesse tal assim não fosse desde que lhes promettem pagar pela de Setembro ultimo, já teriam retomado os seus antigos logares.

Cerca de 100 barqueiros ahí estão para afirmar se eu os dei por qualquer forma a saber da sua vida normal. O que quando me disseram que a Companhia Maritima amarrara os barcos, declarando que os meus ficariam á disposição do trafico do porto, podendo serem tripulados pelo pessoal treinado em tal serviço qual fosse.

Quando eu me occupava mais dos barcos e exportação de atum, não me cuidava de nunca pretender assambarcar o trafico, tendo armador os seus clientes; e muitas vezes houve que os meus ficariam ao caes para servir interesses de armadores, apesar de concorrentes. Não vai isto longe, e está ainda na memoria de todos o que aqui affirmo. Da minha generosidade nunca fiz alarde que me prezo, porém, é de ser justo.

O meu procedimento como agente de vapores para com o atum nunca foi differente d'aquelle que usei para com o exportador porque sempre entendi que as linhas de navegação devem servir a gente e não as conveniencias d'um limitado numero de clientes. Assim queixas se fizeram em 1915, movendo ellas um inquieto soal feito pelo agente geral a todos os carregadores de fructos do Algarve e o resultado d'elle foi que eu havia procedido com o critério e justiça.

Ainda está vivo o referido agente geral que poderá repetir novos exportadores o mesmo que disse aos seus antecessores.

Na minha vida de labor e trabalho, durante quarenta annos, onde toda a gente me conhece, apenas por uma persistencia de me honro, consegui viver mas viver e trabalhar honestamente e todas as pessoas que se przem.

Não sinto que nada de material em volta de mim se deturba da que pessoas de varias especies se preocupem de não me fazerem por todos os meios. O que eu sinto e lamento é ter cincoenta annos, em ca estrella que vai fenecendo e a que ninguém de esquivar se.

Pretendo fazer acreditar que eu faltei a compromissos dos. Appareça pois o carregador com quem eu tivesse contracto de qualquer mercadoria e não tivesse cumprido. O Manuel José Branco e outros que digam se, em meados do passado, eu não lhes fiz e pagar fardos de ap ras a E. C. 250. Não sei mesmo em que a Companhia Maritima exigia por fardos de atum, torçando-me por este facto a pagar aos barqueiros nesta base, ou o barco sem remuneração. Mas o que não deixei foi de cumprir com as difficuldades de toda a ordem que se me depararam.

Aos que não me sonharem de perto offereço a narração do que para ajuizarem da minha conduta, porque aos outros — tanto agora como os que a hora me conhecem — não careço de dar esclarecimentos, pois sabem muito bem qual tem sido e será sempre a minha maneira de proceder.

Esclareça da assim esta lamentavel questão, confio em que serei forçado a esclarecê-la mais.

Antonio da Costa Ascensão

O cancro é contagioso?

O cancro é hereditario?

Em França vão ser submetidas a um referendum da classe medica estas duas importantes perguntas sobre são terrivel molestia, cujos destroços teem vindo em aumento ha tantos annos. Oxala que alguma coisa se apure de definitivo.

A greve dos barqueiros

A direcção da Associação Commercial e um grande numero de commerciantes foi bonem solicitar do sr. governador civil providencias para ser garantida a liberdade de trabalho visto que um reduzido numero de barqueiros não deixa que o pessoal da Companhia Maritima, que que retomou o trabalho, exerça o seu mister, tendo se dado por esse tacto alguns serios conflitos.

O sr. governador civil prometeu atender tão justa reclamação, mandando já a cidade perturbada por pragas da guarda republicana.

Companhia de Pescarias do Cabo de Santa Maria, Ramalnete e Forte

Sede em Faro

Convoco a Assembleia Geral da Companhia de Pescarias do Cabo de Santa Maria, Ramalnete e Forte, para o dia 25 de Abril proximo, pelas 14 horas, na sede social, para alteração dos estatutos de harmonia com o regulamento de pesca de atum de 11 de agosto de 1923.

Caso a Assembleia não se junctar por falta de representação legal, convoco a mesma assembleia para o dia 16 de Maio, pelas 14 horas.

Faro, 20 de Março de 1925.

O Presidente da Assembleia Geral, Constantino Cumano

CASA Vende-se com 5 divisoes na Rua Ribeiro Chagas. Trata-se Rua Nova n.º 1 ao pé da Cruz.

Arrematação

1.º ANUNCIO

Peo presente se faz por 13 horas, á porta do Tribunal, se não de vender publico pelo maior lance o sobre o valor da avaliação seguintes bens: Uma casa de terra de semear com alfarrabos, mendoeirias, azinheiras e figueiras que fora avaliada em 150\$000 parte correspondente a 100\$000 que, agora, foi avaliada em 100\$000. Metade de um bocado de matosa com alfarrabos, avaliada em 45\$000.

O direito a uma terça e a uma courela de terra de com figueiras, azinheiras e roibeiras avalado em 160\$000.

Estes bens que são situados em Azinhal e Amendoeira pertencem aos executados de Brito Chôco e mulher do Rosario e Manoel Roberto Barbosa e mulher Rosario Conceição Pereira, e são vendidos na execução que contra move o Ministerio Publico.

Ficam citados quaesquer interessados.

O escrivo do 1.º officio

Jose Martins Serra

Verifiquei: O Juiz de Direito Flores

Companhia de Seguros

IRIS

Tendo constado á Direção desta Companhia que se haviam intencionadas teem sido do insinuações malevolas a mesma, baseando-se no facto do Banco Industrial, não ter suspendido o pagamento dos seus pagamentos, não nos declaramos a favor dos cionistas e segurados da mesma situação desta em nada affectada com a referida suspensão que o predio em que tem a sua sede em Lisboa, propriedade exclusiva, não tem encargos que o comprometam. Lisboa, 6 de Março de 1925.